

ENTRE KANT E FREUD: UMA PERSPECTIVA DE SUPERAÇÃO DO NARCISISMO NA ATIVIDADE JURÍDICA ATRAVÉS DO ESCLARECIMENTO [AUFKLÄRUNG]

KANT AND FREUD: A PERSPECTIVE TO OVERCOME THE NARCISISM AT THE PRACTICE OF LAW THROUGH KANT'S AUFKLÄRUNG

Matheus Garcia Drawin *

RESUMO

O texto que se segue pode ser considerado inusitado e incomum pela comunidade jurídica uma vez que não é outra exploração do conteúdo normativo de uma sistemática democrática. O que nós propomos é, na verdade, uma breve exploração filosófica não só de noções éticas que norteiam as origens da democracia, mas também de um constante estímulo ao pensamento crítico que deve acontecer no cotidiano de todos os profissionais da área jurídica. Com este objetivo o artigo contribui com uma reflexão inicial que possa ajudar a formação jurídica atual. Deixamos de lado um viés estritamente jurídico, para adotar um olhar diferenciado, típico da Filosofia. Para isso, recorreremos ao filósofo Immanuel Kant ressaltando como devem ser alguns dos objetivos do Direito e da justiça, e, para alcançar tais objetivos, metamórficos que são, também recorreremos a algumas considerações extraídas da teoria do narcisismo, de Sigmund Freud. Nesta linha, o jurista pesquisador poderá começar a olhar para sua atuação a partir de outra perspectiva e, assim, provavelmente terá condições de refinar seu trabalho com o Direito. O estudioso disposto a enfrentar este tipo de reflexão terá à sua disposição não só os aparatos e ferramentas legais, aos quais está habituado a utilizar, mas também terá acesso a outro nível crítico para ir além do seu quadro de referência comum em direção a uma compreensão mais abrangente da realização social e histórica da liberdade, que parece ser o objetivo do ser humano, e, que a ordem jurídica luta constantemente para manter.

Palavras-chaves: Freud; Kant; narcisismo; Aufklärung; direito.

* Estudante de graduação da Faculdade Mineira de Direito PUC Minas, Campus Coração Eucarístico e monitor da disciplina Filosofia do Direito no ano de 2016.

ABSTRACT

The following text may be considered unusual to the academics of Law, as far as it is not just another legal analysis of any specific rule or regulation from the democratic system. What we have here, is a philosophical exploration of ethical notions that may be used as guidelines in the democratic origins, and also as an incentive of a critical thinking that has to be permanent at the everyday of whoever works with Law. With those considerations made, the present article aims to develop this critical thinking inside all legal activities and, through that, evolve into a more sophisticated way of working with Law. Not strictly using legal tools, but throughout a philosophical point of view. To do that, we bring the philosopher Immanuel Kant to renew the goals of justice and State jurisdiction, also, to achieve those goals, we make use of the Narcissistic theory of Sigmund Freud as a pathway to see the weaknesses and failures of ourselves as human beings that greatly affect our legal systems. All legal students may perfect the ways they deal with the problems of Law and justice. The critical thinking can transform not only the tools legal students have within their power, but also transform the thinking of our reader itself getting him closer to his own personal realization in life and in defense of liberty, a basic principle to all people and to democracy itself.

Keywords: Freud; Kant; narcissism; Aufklärung; law.

A perspectiva teórica por trás das bases institucionais que organizam a vida dos seres humanos como vivem hoje é de imensa importância para a investigação jurídica dos fenômenos sociais. Claro, o que é mais comumente explorado nas fronteiras do Direito com outras áreas do conhecimento são as teorias democráticas, as teorias do Estado, as estruturas constitucionais que formam o esqueleto de toda uma organização legislativa e também as reconhecidas teorias econômicas que motivam a necessidade de uma ordem social baseada num ordenamento jurídico. Tudo isso é importante e deve ser devidamente considerado para um aumento da eficácia do Direito e da ordem social, bem como para sua compreensão.

Com tal reconhecimento posto, sugiro um foco anterior, anterior uma vez que independente da estrutura que organiza a sociedade, seja ela jurídica ou econômica, estatal ou financeira, todas elas, afinal de contas, construídas por seres humanos. Por trás de toda complexidade, está a complexidade humana. Com isto em mente proponho um olhar filosófico e psicanalítico capaz de contribuir para melhor compreendermos as estruturas e instituições jurídicas.

Aqui, faço uso de uma pequena parcela do pensamento de *Immanuel Kant*, que joga uma luz sobre qual deve ser a intenção do Direito ante a sociedade, bem como outra parcela, agora do pensamento de *Sigmund Freud* que nos mostra um obstáculo, perigoso e desviante, das metas desenvolvidas a partir de Kant. Por óbvio, este texto visa uma inspiração a futuras investigações jurídicas para que o Direito se desvencilhe um pouco do seu isolamento. Este texto não visa, assim, um desenvolvimento teórico propriamente dito (ainda que seja um esboço inicial), afinal tenho consciência que a envergadura de tais autores é bem superior a que será exposta, mas nem por isso, incomunicável. Portanto, o objetivo é aproximar a convivência social e pessoal das pessoas do que seja uma vida boa, tanto basilar, à partir do indivíduo, como estrutural à partir do Direito.

Comunica-se aqui, pontualmente, o objetivo Kantiano por meio da expressão latina ‘*sapere aude*’ (ouse saber) tomada como a intenção de se atingir a *Aufklärung* (esclarecimento) através de um esforço racional autônomo, ou seja, alcançar a maioridade. Kant atribui à preguiça e à covardia os motivos de tão grande número de homens não alcançarem tal estágio. No entanto, há um outro obstáculo para tal realização, o narcisismo, trazido à luz por Freud. O obstáculo que se sugere, o narcisismo, mesmo sendo componente estrutural da personalidade humana (do ‘eu’, como dito por Freud), pode ser superado ou mitigado pelo esforço racional proposto por Kant.

Numa elucidação filosófica do que seja a vida boa, a realização existencial como ser humano é uma meta racional. Nossa realização pode sempre seguir bases lógicas e racionais, mas sempre dentro dos limites do nosso próprio raciocínio que, ainda que seja racional, sempre irá depender da nossa capacidade fundamental de ir além de nós mesmos e, apenas assim, podemos projetar um agir benéfico sobre o mundo. Agir este que deve ser eminentemente altruísta e esclarecido [*Aufklärung*].

Primeiro, nossa razão vai até onde pode ir nossa capacidade interpretativa da informação e conhecimento limitados a que temos acesso. Essa informação normalmente não está completa, afinal, na vida social, assim como na vida pessoal, por mais próximos que sejamos de outra pessoa, nunca teremos uma visão distanciada e completa sobre o posicionamento de nós mesmos e de nossas convicções na visão do outro. É importante reconhecer que desconhecemos grande parte das perspectivas e sentimentos de outrem, no entanto, isso é bem menos sensitivo quanto a nós mesmos. O caso é que também

desconhecemos muitas das razões e sentimentos que nos levam a agir da maneira que agimos. A ideia é que não temos a informação completa de nossas próprias convicções, algo que é uma noção mais difícil de aceitar por atingir nossos comportamentos egocêntricos e nosso orgulho.

Ao atingirmos este ponto fica claramente exposto o nosso desafio, o desafio de autoconhecimento e de auto enfrentamento. Somente a partir deste desafio que podemos atingir nossa maioria (como quer Kant), e, para isso, devemos superar nossa própria visão narcisista das coisas.

O narcisismo surge, para Freud, na medida em que o ‘eu’ se desenvolve no sujeito. Significa, apenas após algumas experiências cruciais em nossa vida que desenvolvemos uma visão autocentrada e especular sobre quem achamos que somos, e justamente por isso, várias de nossas noções acerca do que é óbvio e do que é correto nos parecem ser algo absolutamente apropriado, mas, na verdade, são uma armadilha narcísica para o esforço de esclarecimento. Esta visão autocentrada pode, forçosamente, ser compreendida como uma pulsão autoerótica, como Freud afirma:

Sobre a primeira questão, observo o seguinte: é uma suposição necessária, q de que uma unidade comparável ao Eu não existe desde o começo no indivíduo; o Eu tem que ser desenvolvido. Mas os instintos autoeróticos são primordiais; então deve haver algo que se acrescenta ao autoerotismo, uma nova ação psíquica, para que se forme o narcisismo (FREUD, 2010. p.18-19).

Assim, a formação narcísica de um indivíduo pode ser mais ou menos exacerbada, pode estar dentro de um nível de normalidade (como é comum a todos os seres humanos) ou chegar a níveis patológicos (como alguns dos casos investigados por Freud) que retiram o indivíduo do convívio social, tamanha sua alienação. Entretanto, a investigação aqui é deveras mais sutil e se dá no transbordamento narcísico comum e que, ainda que não retire o indivíduo da sociedade, o impede, imperceptivelmente, agir de modo autenticamente racional. Deparamos-nos aqui com uma racionalidade ‘falsa’, que nos leva a um agir egoísta que nos distancia ainda mais da autonomia racional proposta por Kant. Neste ponto, ainda no âmbito da Psicanálise, podemos exemplificar com uma familiar sensação física, a dor, como exposta na conversa teórica entre Freud e Ferenczi:

Ferenczi sobre a influência das doenças na distribuição da libido: 'É universalmente conhecido, e isso parece óbvio, que aquele que sofre de uma dor orgânica e de mal-estares abandona seu interesse pelas coisas do mundo exterior, na medida que elas não tem relação com seu sofrimento. (...) Freud acrescenta uma observação sobre esse sujeito em sofrimento: ele retirará também seu interesse libidinal de seus objetos de amor, isto é, deixará de amá-los enquanto durar sua dor. O fato é banal, mas Freud extrai dele ensinamentos que realimentam imediatamente o vocabulário próprio de sua teoria da libido: nesses casos, a libido reflui sobre o eu, até que, uma vez que a cura tenha se processado, o doente emita outra vez (...) seus próprios investimentos na direção dos objetos. Freud evoca nesse ponto de suas anotações um poeta, W. Bush, para ilustrar seu pensamento. O poeta, ao falar de sua dor de dente, assim se expressa num verso: 'Sua alma se confina ao buraco estreito do molar'. Nessa perspectiva, continua ele, pode-se afirmar que libido e interesse do eu tem um mesmo destino e são indistinguíveis: 'o egoísmo bem conhecido do doente recobre os dois'. A observação dos fenômenos enumerados por Freud nos possibilita, em seguida, compreender que os distúrbios corporais provocam a dissipação das disposições amorosas (NICÉAS, 2013. p.62-63).

Claro, o exemplo supracitado pode nos parecer banal pois é evidente a modificação comportamental das pessoas que sofrem de uma forte dor física. Entretanto, devemos entender o que significa esta experiência de sofrimento em seu sentido psíquico. No caso exemplificado, fica evidente que tudo o que conhecemos nessas situações é a dor, todo o restante do mundo se evapora, mas o exemplo é significativo ao mostrar como o eu narcísico é expandido ao máximo.

Quando o exemplo se torna menos radical, esta percepção da expansão do eu narcísico também se torna mais sutil como observa um comentador acerca da hipocondria:

Freud prossegue na mesma direção em suas observações sobre os circuitos libidinais, servindo-se agora da hipocondria para demonstrar, em comparação com a doença orgânica, que as sensações desconfortáveis e a dor, nessa condição, incidem diretamente sobre a repartição da libido no sujeito. Segundo o autor, a hipocondria, assim como a doença orgânica, retrai igualmente o interesse e a libido dos objetos do mundo, concentrando-os no órgão que ela elege. Semelhança que não esconde, no entanto, uma única diferença, logo estabelecida por Freud: na doença orgânica, ao contrário do que acontece com os sujeitos hipocondríacos, 'as sensações desconfortáveis estão fundadas sobre modificações demonstráveis' (NICÉAS, 2013. p.63).

Os exemplos se multiplicam ilustrando diversos tipos de domínio narcísico do eu. Por qual razão um psicopata mata, aparentemente sem emoções, ou um estuprador estupra, se realizando na dor alheia? Poderíamos dizer obviamente que a realização existencial deles contém desvios, são patologias. Assim como a dor orgânica, estes exemplos extremos extraídos do direito penal são evidentes, tamanha a agressão à liberdade alheia. Porém, se

tomarmos o exemplo de Freud dos hipocondríacos e construirmos um paralelo, também mais ameno no mundo jurídico, poderíamos nos perguntar; por que existe sonegação de impostos, ou decisões judiciárias descabidas? ; por que estacionamos em locais proibidos, ou por que tantas leis são criadas injustamente e em favor pessoal aos próprios legisladores? Talvez a resposta seja muito complexa, mas a teoria freudiana do narcisismo pode contribuir para esclarecê-la uma vez que, como Freud mostra, há uma presença insidiosa do narcisismo em nossa vida psíquica.

Estamos aqui entrando no campo do narcisismo, em sua manifestação mais discreta, como um obstáculo complexo e difícil, que obstrui o caminho ao esclarecimento [*Aufklärung*]. Ao avaliarmos esta perspectiva, Kant nos diz que nossa menoridade é nossa própria culpa. Por isso, pode ser razoável a ideia que a manifestação de nosso eu narcísico no mundo seja um dos principais elementos desta culpa que nos mantém na menoridade.

Direcionando agora essas considerações para a perspectiva kantiana. Podemos perceber o impacto dessa concepção do eu narcísico com a noção de subjetividade pura. Apesar de ser um passo ousado, esta subjetividade pura, concebida por Kant como transcendental, pode ser atravessada por um reflexo narcísico na forma de um agir infantil no mundo, que torna nossas ações envoltas numa casca superficial de racionalidade, uma racionalidade falsa que visa justificar a realização de nossas intenções puramente egocêntricas, encobrendo os nossos desejos egoístas sob a capa da racionalidade. Sobre esta subjetividade pura, explica Bernd Niquet:

O subjetivismo puro afirma: o mundo é assim como eu o vejo. Percebe-se facilmente que esta posição é insustentável. Pois todas as pessoas, isto é, todos os sujeitos veem o mundo de maneira diferente, cada qual a partir de sua perspectiva. Se cada perspectiva fosse a verdadeira concepção do mundo, deveria haver tantos mundos quantos seriam os sujeitos. Como, porém, só existe um mundo, deveríamos renunciar por completo ao conceito da verdade. Mas isto não seria inteligente nem viável. Portanto, não pode haver subjetivismo puro (NIQUET, 2008. p.40).

O nosso agir narcísico transborda de nossas intenções morais e nos envolve numavisão autocentrada priorizando nossas fantasias e desejos em detrimento do mundo. Este viés do subjetivismo psicológico torna natural o nosso egoísmo e oculta o quanto nossa racionalidade é falsa.

O eu narcísico aqui trabalhado também parte de nós e de nossa menoridade e é, necessariamente, nossa própria culpa. Também vale destacar que, embora seja nossa culpa, isso não significa que todas as atitudes que tomamos, com as quais nos distanciamos do esclarecimento [*Aufklärung*], sejam intencionais. Pelo contrário, muito do que fazemos é inconsciente, o que não nos exime da culpa, pois somos responsáveis pela totalidade de nós mesmos e o narcisismo pode ser mitigado se não nos faltar a coragem e a disposição de pensarmos por nós mesmos. O próprio Kant em seu texto afirma que a preguiça e a covardia são razões pelas quais grande parte dos homens se mantém na menoridade.

Esta naturalidade de nosso egoísmo se encaixa também no que Kant enquadra como causador de nossa menoridade. Às vezes, nossa maneira de encarar e decidir as coisas se torna tão espontânea, que nosso narcisismo se torna algo impalpável, e, portanto, intransponível.

É difícil portanto para um homem em particular se desvencilhar da menoridade que para ele se tornou quase uma natureza. Chegou mesmo a criar amor a ela, sendo por ora realmente incapaz de utilizar seu próprio entendimento, porque nunca o deixaram fazer a tentativa de assim proceder. Preceitos e fórmulas, estes instrumentos mecânicos do uso racional, ou antes do abuso, de seus dons naturais, são os grilhões de uma perpétua menoridade (KANT, 2013. p. 64).

Reconhecer que não nos conhecemos não é só sabedoria, mas é um enfrentamento do narcisismo, que nos leva a outro aspecto fundamental para a nossa vida em comum.

Trata-se do reconhecimento humilde de nós mesmos, calcado na admissão de que é extremamente difícil superar ou mesmo administrar o narcisismo. Isso porque, levemos em conta ou não nossas emoções, das quais jamais podemos nos desvencilhar inteiramente, e, ainda que nossa lógica funcione de maneira perfeitamente racional, ou seja, com o rigor das convicções que nos guiam para uma vida boa, estas convicções ainda são nossas. Este aspecto sugere que, ainda que as verdades que construímos sejam úteis para nossa vida, são verdades construídas a partir do nosso ponto de vista, e sempre limitadas por ele. Neste, e somente neste, nível básico, tais verdades não podem ser consideradas imediatamente como universais ou absolutas, pois os seus pilares sustentadores encontram-se inicialmente apenas em nós mesmos.

Essas considerações psicanalíticas não invalidam que sempre devemos primar por uma racionalidade deliberativa capaz de modificar nossas próprias convicções e verdades

peçoais. Devemos ser capazes de evoluir no que pensamos e no que somos de modo a agregar as riquezas e diferentes pontos de vista existentes no mundo não apenas para que possam ser úteis para nossa realização existencial, mas para também aperfeiçoar a nossa inserção na vida social e política.

Para fortalecer estes argumentos, ainda que me fazendo valer apenas de um fragmento de seu pensamento, recorro novamente a Kant:

Esclarecimento [Aufklärung] é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. Sapere aude! (ouse saber). Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento. [<Aufklärung>] (KANT, 2013. p. 63).

Falamos em humildade como uma das possíveis ferramentas morais capazes de realizar em nossa mente, o pensamento constante que mesmo a mais poderosa de nossas crenças merece alguma indagação, afinal, sempre terá uma parcela de nossa própria perspectiva.

Neste ponto culminante de ceticismo, poderíamos chegar às mesmas conclusões de Descartes (penso, logo existo), afinal, se tudo o que vemos está contaminado por nossa própria perspectiva, não seria possível atingir o que é certo ou o que é justo, não seria possível atingir a verdade, tudo seria, portanto, dubitável.

No entanto, esta não é a direção que seguimos, surge aqui o outro lado na moeda. Além disso, desistir da verdade não é inteligente, como dito acima.

Para que se possa compreender este outro lado da moeda, recordemos:

O amor que a descoberta do narcisismo permitiu a Freud reconhecer como um ‘amor de si’ – expressão freudiana para explicitar a direção que toma a libido, investindo amorosamente no eu – é, podemos enfim dizer, uma amor que se manifesta como um ‘si mesmo’. Em outros termos, as articulações que fizemos entre indicações freudianas sobre a origem do eu presentes nos textos de 1914 e 1923 e o escrito laciano O estádio do espelho, nos autorizam, finalmente, a dizer que nas fundações do narcisismo tece-se uma relação amorosa do sujeito com sua imagem (NICÉAS, 2013. p.99).

Agora, utilizando a imagem lacaniana do espelho, e aqui, este espelho sendo o narcisismo do egoísmo criticado até aqui. Chega ao ponto que, para que nos aproximemos do esclarecimento [*Aufklärung*], faz-se necessária a quebra deste espelho.

Esta deve ser uma quebra delicada sob vários aspectos. Lembremos que esta quebra é o que foi defendido até agora, é a quebra da visão autocentrada do mundo, é a quebra vista através da imagem do espelho que projeta a imagem de um racionalismo falso, tendo nós mesmos como a peça central da imagem que vemos. Ao quebrar este espelho, quebramos este imagem falsa do mundo, mas não ficamos cegos, ao contrário, enxergamos ainda mais, e aí esta o reverso da moeda.

O narcisismo egoísta que nos coloca no centro do mundo foi quebrado, mas, neste outro lado da moeda nós ainda existimos como um “eu”, mas o narcisismo, não é mais a exacerbação do autocentramento que nos cega, sendo um dado estrutural de personalidade, uma dimensão que constitui nosso ‘eu’. A sua existência se mantém na forma da autoestima e do amor próprio.

Agora a visão de nós mesmos nos coloca como parte do mundo, e por um esforço racional constante vemos o mundo com uma racionalidade verdadeira, conforme a concepção kantiana do pensamento autônomo.

Apesar da figura da moeda, é importante notar que este esforço racional é constante, não é uma conclusão a que chegamos, um ponto que já pode ter sido alcançado de uma vez por todas. Caso paremos de nos esforçar poderemos reconstruir as imagens falsas num novo espelho. A dificuldade é que o desafio da realização existencial, verdadeira, através do esclarecimento [*Aufklärung*] é um esforço rigoroso e permanente. Isso porque não podemos nos desvencilhar de nós mesmos e a questão não é a recusa de nós mesmos, mas recusa daquela imagem falsa que nosso egocentrismo tende a criar.

Freud nos dá a ler uma constante, traduzida nestas palavras: o sujeito não abre mão totalmente da libido que investe o seu eu. Não haveria, então, nunca, nas vicissitudes que tomam os circuitos libidinais, circuitos que vão e vem do eu ao objeto, uma equalização, uma simetria absoluta. A clínica ensinou Freud que o eu jamais cede completamente aos objetos de sua libido, nem mesmo na paixão amorosa. Isto é, mesmo no estado amoroso, o eu mantém um espaço de libido guardado, em reserva, ainda que reduzido a um nível mínimo (NICÉAS, 2013. p.68).

O eu verdadeiro faz parte do mundo. O narcisismo pode ser visto como parte constitutiva de nós e o que deve ser reconhecido é que a racionalidade verdadeira também vem dele, vem de nós, como homens racionais e livres.

Digamos que Kant, ao objetivar e propor nossa busca pelo esclarecimento [Aufklärung] estaria, e agora se comunicando com Freud, nos causando uma “decepção cosmológica”¹, em referência ao paralelo que o próprio Freud fez com Copérnico. Apesar de separados cronologicamente, podemos dizer que Kant apresentou a meta a ser seguida e suas razões, e Freud, por sua vez, nos forneceu o reconhecimento dos obstáculos e as ferramentas necessárias para trilhar este caminho. Claro, repete-se que a descoberta não é uma conclusão, mas a constatação de um esforço permanente que não repousa numa certeza mas na busca da verdade e da justiça.

Acredito que uma leitura convergente de Kant e Freud possa nos ajudar a ultrapassar a tendência para o “subjetivismo” e nos ajudar a compreender que em Kant a subjetividade transcende o indivíduo e aponta para a “intersubjetividade”

Como explica mais claramente Niquet:

Objetivo é para Kant o que é válido para todas as pessoas de modo idêntico, porque percebido de modo igual por todas elas e conhecido pelas mesmas operações (apriorísticas) do intelecto e da razão. Com boas razões pode-se dizer que em Kant o conceito de ‘objetividade’ significa no fundo ‘intersubjetividade’. Kant é um subjetivista radical que relaciona tudo o que é verdadeiro ao sujeito; para ele jamais poderia existir uma objetividade sem sujeito cognoscente. (...) O importante não é se todas as pessoas sentem ou entendem algo de certa maneira, pois neste caso imperaria a arbitrariedade subjetiva, mas que, em razão de suas categorias sensoriais e intelectuais inatas a priori, as coisas sempre se manifestem como iguais. Aqui tudo é manifestação e nada é coisa em si, porque não podemos retroceder para além da percepção. E isto vale consequentemente também para o conceito de verdade. Por isso, para Kant, só pode ser verdadeiro o que manifesta

¹Esta ideia da ‘decepção cosmológica’ que Freud trouxe, fazendo um paralelo comparativo justamente com o pensamento de Kant foi retirado do livro ‘Kant, a força do pensamento autônomo’, de Bernd Niquet como se vê no trecho: “Copérnico destruiu a posição central do ser humano no universo. Considerava-se antes o ser humano em sua terra como ponto central inerte de todo o sistema mundial, que se agrupava e se movia ao seu redor, e assim o ser humano foi destituído de sua posição através da afirmação de que o sol constituía o centro. Sigmund Freud designou isto mais tarde como tendo sido a primeira grande decepção humana, sua ‘decepção cosmológica’. E agora vem Kant a aduz uma mudança de perspectiva igualmente revolucionária. Se partirmos do ponto de vista de que nosso conhecimento se pauta pelas coisas, que pretendemos conhecer, não chegaremos mais longe, diz ele, do que na postulação da terra como centro do universo. Mas se não considerarmos a pessoa como enrijecida, como tabula rasa, imóvel, sobre a qual se escreve de fora alguma coisa, mas se a considerarmos muito mais como ator movente, como criador de seu mundo, então de repente a coisa pode caminhar”.

a todos de modo igual. Verdadeiro é aquilo que pode ser pensado sem contestação, o que não contradiz as leis do pensamento e que se pode reencontrar também na observação (NIQUET, 2008. p.87-89).

Com este ponto delineado, passemos à parte final destas ideias.

O projeto kantiano do pensamento autônomo, como evidencia o sentido etimológico de ‘autônomo’, consiste na adesão a uma norma própria, formulada por nós mesmo a partir da nossa deliberação racional. Este é o sentido de liberdade da autonomia, a liberdade verdadeira não se confunde com o livre arbítrio e nem se desenvolve no contexto de uma realidade social anárquica, na qual não existe nenhum tipo de norma, controle ou regra. Ao contrário, Kant propõe que para se atingir a liberdade devemos ser capazes de agir racionalmente e seguir as regras que nós mesmos nos impusemos, normas *erga omnes* (oponíveis a todos).

Este sinuoso caminho de argumentação conjugando Kant e Freud que aqui foi superficialmente esboçado nos coloca mais uma vez às portas da esfera jurídica. O princípio, o valor e o direito à liberdade é uma noção fundamental de tudo o que mencionamos no início do texto. O princípio de liberdade é conceito central num estado democrático de direito, na perspectiva econômica de uma sociedade de mercado, e também do ponto de vista dos direitos individuais dos cidadãos e daqueles que exercem cargos legislativos, judiciários e outros. Liberdade, mas de modo algum anarquia, individualismo, arbítrio ou uma atividade econômica destrutiva para a vida comunitária. A ideia de liberdade, nos permite ir de Kant ao Direito e do Direito a Kant, e para que algum sentido disso também seja mencionado, cito mais uma vez o próprio filósofo alemão:

Para este esclarecimento [Aufklärung], porém, nada mais se exige senão liberdade. E a mais inofensiva entre tudo aquilo que se possa chamar liberdade, a saber: a de fazer um uso público de sua razão em todas as questões. (...) o uso público de sua razão deve ser sempre livre e só ele pode realizar o esclarecimento [Aufklärung] entre os homens (KANT, 2013. p. 65).

E continua, ao fim do texto:

Um grau maior de liberdade civil parece vantajoso para a liberdade de espírito do povo e no entanto estabelece para ela limites intransponíveis; um grau menor daquela dá a esse espaço o ensejo de se expandir tanto quanto possa. Se portanto a natureza por baixo desse duro envoltório desenvolveu o germe de que cuida delicadamente, a saber, a tendência e a vocação ao pensamento livre, este atua em

retorno progressivamente sobre o modo de sentir do povo (com o que este se torna capaz cada vez mais de agir de acordo com a liberdade), e finalmente até mesmo sobre os princípios do governo, que acha conveniente para si próprio tratar o homem, que agora e mais do que simples máquina, de acordo com sua dignidade (KANT, 2013. p. 71).

Mais do que simples máquina, diz Kant, e de acordo com sua dignidade, porque as regras próprias formuladas racionalmente o libertam, significam sua existência emancipada da menoridade.

Antes, estávamos confinados à cadeia invisível no narcisismo, e a chave que nos libera, seria o [*Aufklärung*]. Tal é a ideia de liberdade aqui presente.

Com esta especulação filosófica em mente que os juízes, legisladores, advogados e todos os representantes do Direito deveriam agir com relação à criação, manutenção e desenvolvimento das normas que regulam a sociedade. E ainda mais, com as normas que já existem e são reguladoras atualmente. Imaginemos que um juiz decida a favor de uma lei injusta reiteradamente, ou pior, caso decida baseado numa interpretação legal que vem apenas respaldar os seus interesses pessoais e de sua própria visão narcísica de justiça, tal julgador seria facilmente considerado arbitrário e injusto, mesmo sem o saber. Esse tipo de exemplo pode afetar o mundo jurídico em todos os níveis, e por isso esta discussão se mostra relevante, desde o óbvio egoísmo de um legislador que se beneficia de seu cargo público pessoalmente até na aparente boa intenção de um advogado que trabalha em causas ‘*pro bono*’. Todos os níveis teóricos e práticos do Direito estão sujeitos às invisíveis armadilhas do narcisismo, como vimos acima. Esta ameaça à estrutura de um Estado de Direito verdadeiro é constante e requer um esforço também constante, igual ao que nos é exigido em nossas vidas pessoais. Assim como nos alerta Kant, devemos estar sempre atentos a um pensamento autêntico e legítimo, em todos os momentos, e mais do que operadores do Direito, a nossa vocação nos exige tornarmo-nos *pensadores* do Direito e, se possível, do próprio mundo. Desenvolvendo e tornando o Direito mais eficaz, esta aproximação filosófica talvez seja uma saída para que não sejamos máquinas, para que as funções jurídicas não possam ser substituídas por uma mera rede integrada de computação. Mais do que uma inteligência operacional e artificial, devemos ser uma inteligência ética.

REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. **Introdução ao Narcisismo**: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914 – 1916). São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (obras completas).

KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: Que é “Esclarecimento”? *In*: KANT, Immanuel. **Textos seletos**. 9ª edição. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. (Coleção Textos Filosóficos).

NICÉAS, Carlos Augusto. **O amor de si**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2013. (Para ler Freud).

NIQUET, Bernd. **Kant, a força do pensamento autônomo**. Petrópolis: Vozes, 2008 (filosofia pessoal & gestão profissional).